

Resumos

Sessão 7. Cinema I

A linguagem cinematográfica: semiótica sincrética e audiovisual

Natalia Cipolaro Guirado (USP - FFLCH)

O livro *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*, organizado por Ana Claudia de Oliveira, aborda uma metodologia de análise de textos verbo-visuais, do sincretismo da expressão, e trata também da semiótica plástica, da linguagem publicitária, de histórias em quadrinhos, de textos sonoros e audiovisuais; o cinema, entretanto, é apenas citado em alguns capítulos como um discurso sincrético. Nossa intenção é estudar o sincretismo como conceito semiótico e suas particularidades, com a possibilidade de analisar as obras da linguagem cinematográfica e distingui-la das demais linguagens. Abordaremos o capítulo “Contribuições para uma semi-otização da montagem”, de Yvana Fachine, o qual trata do procedimento de montagem nas produções audiovisuais como uma “estratégia global de comunicação” que depende de várias formas de expressão. Para Yvana Fachine, as relações entre as várias linguagens de manifestação nos discursos audiovisuais se estabelecem por meio de correspondências entre elementos constituintes dos planos do conteúdo e da expressão das várias semióticas que participam da construção do texto sincrético. O intuito deste trabalho não é estender a textos mais complexos o esquema narrativo que teve origem nos estudos de Vladimir Propp, mas propor diferentes modos de fazer uma análise semiótica da linguagem cinematográfica e suas particularidades a partir do sincretismo.

(natalia.guirado@gmail.com)

***Wuthering Heights* agora e então: representações e axiologias**

Tais de Oliveira (USP - FFLCH)

Por meio de análise comparativa baseada na semiótica das paixões estabelecida por Greimas e Fontanille (1993), esboçamos os sistemas de valores

subjacentes à construção das personagens centrais de um romance clássico do século XIX mais conhecido e comentado até os dias de hoje, escrito por Emily Brontë, *Wuthering Heights* (1847), e das personagens equivalentes na adaptação fílmica da obra, de mesmo nome, produzida pela MTV e lançada em 2003. Fator que diferencia a adaptação em questão das demais já feitas a partir da tórrida história de amor de Brontë é o fato de nela a história do século XIX ser transplantada para o contexto contemporâneo. A partir de tal análise, foi possível desvelar aspectos destoantes a respeito da sociedade representada no século XIX e daquela do início do século XXI; estes foram necessários de se operarem, para garantir a aceitação da transposição da trama para o novo contexto, bem como os diferentes tratamentos dados ao dilema de Catherine, personagem central da trama, em cada período. Esta, enquanto inserida num contexto de valores vitorianos, justifica plenamente sua opção por um casamento por dinheiro, no lugar de uma ligação apaixonada e pobre; e, quando representada na sociedade contemporânea, no filme, a heroína abstrai a questão financeira e se apresenta como aquela que opta pela segurança afetiva que experimentaria com Linton, no lugar da paixão avassaladora que teria com Heath. No primeiro contexto, a posição social é valor norteador; no segundo, a busca de um equilíbrio ou controle das emoções desempenha esse papel. Finalmente, além dos achados que dizem respeito às ideologias dominantes em cada versão, trazemos à tona exemplos concretos da enorme simplificação das personagens do filme, em relação às originais; o que nos possibilita pensar essas diferenças como características de cada um dos gêneros e das épocas em questão. (*tata.pote@gmail.com*)

Pornô “gonzo”: éthos, enunciação e as questões de autoria

Odair Jose Moreira da Silva (USP - FFLCH)

Os procedimentos da construção de um discurso fílmico remetem, em primeira instância, a uma dimensão enunciativa, em que se apresenta um sujeito enunciador que, *grosso modo*, assume uma posição oriunda de uma enunciação sincrética. Desse modo, fotografia, roteiro, direção, montagem, produção, entre outras, são categorias depreendidas desse enunciador sincrético. Essa autoria englobante, cuja representação soberana é o diretor, ainda causa polêmica, ainda coloca em risco a questão autoral, tema muito debatido, inicialmente, pelos teóricos franceses da sétima arte, desde os idos tempos dos *Cahiers du Cinéma*, tendo François Truffaut na linha de frente. Uma

categoria, ou melhor, um subgênero procedente do discurso cinematográfico “obsceno”, coloca em pauta essa questão autoral: o pornô “gonzo”. Aqui, todas aquelas funções apresentadas acima acerca da construção de um filme são parte de um mesmo enunciador, que assume ele mesmo todas essas instâncias enunciativas sincréticas. É importante salientar que não se trata do gênero documentário, mas de uma narrativa ficcional. A única semelhança entre esses dois gêneros é o efeito de real que ambos apresentam. Com isso, a imagem produzida desse enunciador por meio de seus discursos fílmicos, o seu éthos, é, às vezes, confundida com aquela do autor real, que, representado por seus enunciados, torna-se referência, constituindo uma condição *sine qua non* para a feitura desse subgênero do discurso pornográfico no cinema. Suscitar essa discussão sobre autoria, a imagem do enunciador e a produção de sentido, originado de uma dimensão enunciativa, é o que se pretende com este trabalho. Para isso, será verificado o filme *As aventuras de Buttman* (1992), de John Stagliano, considerados autor e obra os inauguradores e referências desse subgênero, cujos adeptos foram disseminados em profusão, a partir desse marco do prazer visual. (odair69moreira@gmail.com)